



ARTIGO ORIGINAL

Analysis of contextual variables in the evaluation of child abuse in the pediatric emergency setting[☆]



Ana Nunes de Almeida^a, Vasco Ramos^{a,*}, Helena Nunes de Almeida^b,
Carlos Gil Escobar^b e Catarina Garcia^b

^a Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal

^b Hospital Professor Doutor Fernando da Fonseca, Departamento de Pediatria, Unidade de Urgência e Cuidados Intensivos, Amadora, Portugal

Recebido em 3 de junho de 2016; aceito em 14 de setembro de 2016

KEYWORDS

Physical violence;
Sexual violence;
Children;
Portugal;
Hospital urgency

Abstract

Objective: This article comprises a sample of abuse modalities observed in a pediatric emergency room (PER) of a public hospital in the Lisbon metropolitan area and a multifactorial characterization of physical and sexual violence. The objectives are: (1) to discuss the importance of social and family variables in the configuration of both types of violence; (2) to show how physical and sexual violence have subtypes and internal diversity.

Methods: A statistical analysis was carried out in a database (1063 records of child abuse between 2004 and 2013). A form was applied to cases with suspected abuse, containing data on the child, family, abuse episode, abuser, medical history, and clinical observation. A factorial analysis of multiple correspondence was performed to identify patterns of association between social variables and physical and sexual violence, as well as their internal diversity.

Results: The prevalence of abuse in this PER was 0.6%. Physical violence predominated (69.4%), followed by sexual violence (39.3%). Exploratory profiles of these types of violence were constructed. Regarding physical violence, the gender of the abuser was the first differentiating dimension; the victim's gender and age range were the second one. In the case of sexual violence, the age of the abuser and co-residence with him/her comprised the first dimension; the victim's age and gender comprised the second dimension.

Conclusion: Patterns of association between victims, family contexts, and abusers were identified. It is necessary to alert clinicians about the importance of social variables in the multiple facets of child abuse.

© 2017 Sociedade Brasileira de Pediatria. Published by Elsevier Editora Ltda. This is an open access article under the CC BY-NC-ND license (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

DOI se refere ao artigo:

<http://dx.doi.org/10.1016/j.jpmed.2016.09.005>

[☆] Como citar este artigo: Almeida AN, Ramos V, Almeida HN, Escobar CG, Garcia C. Analysis of contextual variables in the evaluation of child abuse in the pediatric emergency setting. J Pediatr (Rio J). 2017;93:374–81.

* Autor para correspondência.

E-mail: vasco.ramos@ics.ul.pt (V. Ramos).

PALAVRAS-CHAVE

Violência física;
Violência sexual;
Crianças;
Portugal;
Urgência hospitalar

Análise das variáveis contextuais na avaliação dos maus-tratos infantis a partir da realidade de uma urgência pediátrica**Resumo**

Objetivo: Este artigo apresenta uma casuística de modalidades de maus-tratos numa urgência pediátrica (UP) de um hospital público na área metropolitana de Lisboa e uma caracterização multifatorial da violência física e violência sexual. Os objetivos são: 1) discutir a importância de variáveis sociais e familiares na configuração de ambos; 2) mostrar como violência física e violência sexual apresentam subtipos e diversidade interna.

Métodos: Fez-se uma análise estatística de uma base de dados (1.063 registos de maus-tratos infantis, entre 2004-2013). Usou-se o formulário aplicado a casos com suspeita de maus-tratos, com dados sobre a criança, família, episódio de maus-tratos, agressor, história médica e observação clínica. Foi feita uma análise fatorial de correspondências múltiplas para identificar padrões de associação entre variáveis sociais e violência, física e sexual, bem como sua diversidade interna.

Resultados: A prevalência de maus-tratos nessa UP foi de 0,6%. Predominam a violência física (69,4%) e a violência sexual (39,3%). Perfis exploratórios desses tipos foram construídos. Quanto à violência física, o sexo do agressor estrutura a primeira dimensão diferenciadora; sexo e grupo etário da vítima estruturam a segunda. No caso da violência sexual, a idade do agressor e coresidência com ele estruturam a primeira dimensão; idade e sexo das vítimas organizam a segunda dimensão.

Conclusão: Identificaram-se padrões de associação entre vítimas, contextos familiares e agressores. É necessário alertar os clínicos para a importância das variáveis sociais nas múltiplas faces que os maus-tratos assumem.

© 2017 Sociedade Brasileira de Pediatria. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Introdução

Nas suas várias formas, os maus-tratos infantis permanecem um traço que afeta as infâncias contemporâneas em escala mundial. Ocorrem nos mais diversos contextos, particularmente naqueles nos quais a criança devia estar mais segura e protegida (família, casa, escola, instituições em que é cuidada).¹ São uma causa importante de morbidade e mortalidade infantil e suas consequências no desenvolvimento e bem-estar da criança são devastadoras.^{1,2}

Estima-se que entre 4% e 16% das crianças de países de rendimento elevado são abusadas fisicamente e uma em 10 sofre de violência psicológica ou negligência.³ Segundo a OMS, 18 milhões de crianças na Europa são vítimas de violência sexual, 44 milhões de violência física, 55 milhões de violência psicológica; 850 crianças morrem anualmente na sequência desses maus-tratos.⁴ A atualidade e a gravidade desse problema persistem,³ apesar das políticas de proteção infantil desenvolvidas internacionalmente desde os anos 1970.⁵ Em um cenário de maior intolerância social face a tais situações,⁶ é crucial o contributo de investigadores e profissionais para que decisores promovam políticas públicas (de registo de informação, formação de técnicos, prevenção, intervenção e seguimento no terreno) ajustadas.

Na última década, Portugal implantou políticas específicas relativas à segurança infantil, o que permitiu ao país um avanço significativo nessa área. Ainda assim, não se dispõe de dados nacionais fidedignos que permitam um conhecimento rigoroso e pleno da situação.

Em busca de colmatar a falha de estudos na área, este artigo apresenta uma casuística de modalidades de maus-tratos em uma UP de um hospital público de Lisboa e uma caracterização multifatorial dos dois tipos mais frequentes, violência física e violência sexual. Os objetivos são 1) discutir a importância de variáveis familiares e sociais (ex.: gênero de vítimas e agressores, natureza da conjugalidade, tempo) na configuração de ambos; 2) mostrar como violência física e sexual apresentam subtipos e diversidade interna.

Definições

Em consonância com a Convenção sobre os Direitos da Criança, considera-se "criança" o indivíduo com idade inferior a 18 anos.

Em 1999, a OMS definiu maus-tratos infantis como todas as formas de maus-tratos físico ou emocional, violência sexual, negligência ou exploração comercial que resultam em um dano real ou potencial para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder.⁶

Considera-se violência física uma ação, por parte de qualquer cuidador, que cause dano físico real ou potencial na criança. A violência sexual é um ato em que o cuidador usa a criança para sua gratificação sexual. A violência emocional inclui a falha do cuidador em proporcionar um ambiente adequado à criança (ex.: restringir movimentos, ameaçar, ridicularizar, intimidar, discriminar, rejeitar e outras formas não físicas de tratamento hostil)⁷ que repercute

Download English Version:

<https://daneshyari.com/en/article/8809988>

Download Persian Version:

<https://daneshyari.com/article/8809988>

[Daneshyari.com](https://daneshyari.com)